

Antropologia do cotidiano: Narrativas e poéticas visuais na memória e representação de uma infância rural

Anthropology of everyday life: Narratives and visual poetics in the memory and representation of a rural childhood

Walter Rodrigues Marques¹

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo - SP

waltermarques@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-8744-2180>

Recebido em: 16 de fevereiro de 2025

Aceito em: 04 de abril de 2025

¹ Professor de Arte na Secretaria de Estado do Maranhão. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Mestre em Educação - Gestão de Ensino da Educação Básica, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, da Universidade Federal do Maranhão (PPGEEB/UFMA, 2019). Especialista em Metodologias Ativas e Tecnologias Educacionais Digitais, Universidade de Coimbra-Portugal (2022); em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA, 2022); em Arte, Mídia e Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA, 2021). Licenciado em Física, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA, 2022); em Educação Artística - Artes Plásticas (UFMA, 2012). Bacharel em Ciências Sociais (UFMA, 2024); em Psicologia pela Faculdade Pitágoras (2015). Participa do Grupo de Pesquisa GPARTEDU: Grupo de Pesquisa Arte na educação, na formação de professores e no currículo escolar (FE-USP). Pesquisa: indígenas e o contato; educação museal; arte/educação; arqueologia/antropologia; artes visuais – cerâmica, fotografia; tecnologia e educação.

Resumo:

O artigo parte de uma perspectiva desobediente para representar memórias de um lugar de não-interesse quando visto pelas lentes do objetivismo positivista. Tratar de lugares da infância rural de pessoas não-celebridades, não interessa à ciência positivista. Todavia, tempos outros são os atuais, em que a história passa por revisionismo, momento em que, aos anônimos é dado voz. A retomada decolonial busca dar voz aos silenciados e anônimos deixados à margem como despossuídos e irrepresentáveis. O artigo apresenta lugares de infâncias outras, objetos/artefatos, alimentação, arquitetura rudimentar, meio ambiente. Rememorar infâncias e lugares tidos como não-lugares (Certeau) é um ato de desobediência (Vergès). Para produzir poéticas do cotidiano outrora vivido, porém, nunca esquecido, utiliza-se fotografias de espaços e modos de vida para que estes possam, enquanto memória representada, resistirem ao tempo. Utilizou-se a perspectiva teórica das narrativas orais e de vida para representar lugares da infância como poéticas do cotidiano. Conclui-se que falar sobre micro localidades, contribui para uma história mais dinâmica.

Palavras-chave: História e memória oral; Poética cotidiana; Poéticas/narrativas visuais; Decolonialidade; Antropologia da arte.

Abstract:

The article starts from a disobedient perspective to represent memories of a place of no interest when viewed through the lens of positivist objectivism. Dealing with places from the rural childhood of non-celebrities is of no interest to positivist science. However, these are different times, when history is undergoing revisionism and anonymous people are being given a voice. The decolonial revival seeks to give a voice to the silenced and anonymous, left on the margins as dispossessed and unrepresentable. The article presents places of other childhoods, objects/artefacts, food, rudimentary architecture and the environment. Reminiscing about childhoods and places considered non-places (Certeau) is an act of disobedience (Vergès). To produce poetics of everyday life that was once lived but never forgotten, photographs of spaces and ways of life are used so that, as represented memory, they can stand the test of time. The theoretical perspective of oral and life narratives was used to represent childhood places as poetics of everyday life. The conclusion is that talking about micro-locations contributes to a more dynamic history.

Keywords: Oral history and memory; Everyday poetics; Visual poetics/narratives; Decoloniality; Anthropology of art.

Introdução

A memória e sua guarda sempre foram uma questão latente em mim. Talvez porque eu não tenha registro fotográfico ou um retrato pintado de minha infância. O mais antigo registro fotográfico que apareço foi acidental, a fotografia não era de mim, mas ali figuro como um menino saliente e atrevido, querendo aparecer na fotografia. Apesar de ter sido criado em um ambiente de posses – terras, alimentação, casa grande com funcionários -, meu pai era um homem cru (o que chamaríamos hoje de bruto, sem muitos bons modos e atenção para o mundo que o cercava, não fazia questão de registrar seu cotidiano ou de sua família). Quando me entendi como ser-no-mundo, uma das primeiras coisas que me seduziram foi a fotografia. Logo que tomei as rédeas da minha vida e ganhar meus primeiros trocados, comprei uma máquina fotográfica e os filmes de rolo, para fotografar quase tudo e todos ao meu redor – passei a registrar meu cotidiano.

A fotografia, mais do que registrar visualmente algo, é um testemunho do real, pois comunica, presentifica e atualiza experiências (Vieira, 2009). A fotografia pode ser uma forma de tornar inteligível a comunicação de algo ocorrido no passado por meio do retrato/imagem do real. Segundo a autora, no testemunho fotográfico que discute, a fotografia assume aspecto de atestação e testemunho como narrativa do trauma. Assim, “A gênese automática da imagem fotográfica, que a coloca em relação de contiguidade física com seu referente, atesta a sua condição de signo indicial. A fotografia apresenta-se como um testemunho que presentifica um traço do real” (Vieira, 2009, p. 60).

Ao adentrar o mundo acadêmico, me deparei com um dualismo: ciência e não-ciência. Tratar dessas coisas do cotidiano não é científico. Era o que eu ouvia, e ainda hoje, ouço essas vozes na academia. E eu que queria tanto tornar ciência aqueles momentos que estão guardados em minha memória, pois registros materiais ou não, foram feitos ou já não existem mais – as fotografias amarelaram com o tempo, apagaram pela própria ação do tempo e fatores climáticos, luz, temperatura, manejo e guarda. Seligmann-Silva (2022) relata a crítica sobre hábitos historiográficos em Lyotard, destacando:

pois os fatos, os testemunhos que estavam marcados pelos aqui e pelos agora, os documentos que indicavam o sentido [...], a possibilidade dos diversos tipos de frases cuja conjunção forma a realidade, tudo isso foi destruído tanto quanto

possível. Cabe ao historiador levar em conta não apenas o dano, como também o ato ilícito? Não a realidade, mas a metarrealidade, que é a destruição da realidade? Não o testemunho quando o testemunho é destruído ...? Obviamente, sim, se é verdade que não haveria história sem conflito [...]. Mas, então, é preciso que o historiador rompa com o monopólio concedido ao regime cognitivo das frases sobre a história, e se aventure a dar ouvidos ao que não é apresentável as regras do conhecimento (Seligmann-Silva, 2022, p. 173).

Como relatado acima, o desejo permaneceu latente, ainda que a vida cotidiana se tornasse ocupada por outras questões do dia a dia, da vida prática e profissional e mesmo pessoal. Mas a busca por uma referência teórica que me autorizasse a falar de mim, das minhas relações, sejam elas pessoais, profissionais ou acadêmicas, nunca cessou. Tal como Seligmann-Silva (2022), *A invenção do cotidiano* de Michel de Certeau (1998) parece ser a obra que chancela, me autoriza a dizer que sim, que posso contar minhas memórias, de uma infância, do lugar onde nasci, dos lugares que cresci, por onde andei e mostrar registros desses lugares como lugares de memória e que têm a sua importância, pois dizem de um tempo e lugar, indo na contramão do que a historiografia “científica” ocidental determinou, de que a vida e trajetória de grandes personalidades (por essa vertente eleitas como personalidades) é que deveria ser retratada e que merecia que suas histórias fossem contadas. Márcio Seligmann-Silva (2022) dá uma sustentação teórica em meu argumento, ao dizer que a historiografia não precisa ser unidirecional, contada pelos vencedores, mas que os vencidos também têm uma versão dos fatos e isso foi invisibilizado pelo olhar da cultura ocidental/elitista, uma vez que é função do historiador romper com o monopólio do cognitivo.

François Vergès (2023) propõe um “programa de desordem absoluta” para “descolonizar o museu” e com isso, abrir a possibilidade de que outros possam figurar na história e não apenas o que foi e é selecionado por interesse de determinado segmento social (geralmente, homem e branco). Para Vergès (2023, p. 14), o museu ocidental é um lugar estranho onde é possível encontrar vários objetos e coisas de vários continentes associados à grandeza da nação (pelo prisma do século 18). Ou seja, no museu não há neutralidade, pois ele é “um campo de batalhas ideológicas, políticas e econômicas”. A autora traz Fanon (1968, p. 26) para dizer que: “A colonização, que se propõe mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável” (Vergès, 2023, p. 17). Fanon não está falando apenas da Argélia, infere Vergès, mas do

mundo, e conclui que a organização de opressão em nível global como a expropriação, o racismo e a exploração, só pode acabar com a desordem absoluta. “A desordem não é o caos, mas a contestação daquilo que os poderosos chamam de ordem do mundo, um mundo que eles construíram e estão incessantemente fortalecendo, um mundo que eles preferiram imutável, ainda que sua organização e funcionamento sejam continuamente contestados” (Vergès, 2023, p. 17).

Walter Mignolo (2020) destaca que os projetos globais são desvinculados dos projetos locais. Para Mignolo, a globalização cria condições para a construção de saberes que desviam (eliminam) as histórias locais. Considerando que a modernidade ou a cultura ocidental é uma invenção colonial e que a pesquisa em tela se ancora em Mignolo (2020), destacamos que: “A história universal contada por Hegel é *uma* história universal na qual a maioria dos *atores* não teve a oportunidade de ser também *narradores*”. A perspectiva de Mignolo é analisar a semiose colonial onde é necessário identificar momentos precisos das tensões conflitantes “entre duas histórias e saberes locais”, uma que avança “para um projeto global planejado para se impor” e, outros que visam “às histórias e saberes locais forçados a se acomodar a essas novas realidades”. A “semiose colonial”, portanto, “exige uma hermenêutica pluritópica”, uma vez que nos conflitos originados “nas fendas e fissuras” desses conflitos, uma descrição unilateral é inaceitável. Mignolo elucida que há nessas fendas e fissuras, dois problemas: o primeiro é o de “examinar esses espaços intermediários”, o segundo é o de refletir sobre “como gerar conhecimento a partir desses espaços liminares, [...]” (Mignolo, 2020, p. 41). Grosso modo, o pensamento liminar tem por objetivo apagar a distinção entre quem conhece e quem é conhecido, ou seja, “é apagar a distinção entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido” (Mignolo, 2020, p. 42).

Reitero que os autores citados serviram de inspiração e ancoragem metodológica, pois sustentam ser possível analisar realidades mais triviais como o cotidiano que, em geral, não é visto como de valor para a ciência e/ou pesquisa. Quando digo isso, estou a me referir aos grandes holofotes, pois a antropologia e a etnografia consideram válidas tais investidas de pesquisa.

Ainda que a pesquisa se encontre em fase inicial (são os primeiros apontamentos reflexivos), o que se propõe aqui, tem materialidade para apontar resultados, mesmo que não tenha se debruçado de forma a desenvolver uma *descrição densa* ao modo etnográfico

de Geertz (2008). Desta forma, o que se propõe é discorrer sobre as memórias de infância por meio dos registros fotográficos de objetos, lugares, animais e coisas que fizeram parte do meu ambiente infantil. A fase inicial que se coloca é que o que se apresenta é base para pensar outras materialidades análogas como as vivências urbanas e suas diversidades.

Narrativas e poéticas visuais na memória e representação da infância rural

Quando chego, sou recebido pelo Rio Preto, que me leva para casa. Casa que eu nasci, mas na qual não fui criado. No entanto, muitos foram os momentos que nesta casa vivi, quando para ela retornava – como temporadas e/ou férias.

Me ampara nesta escrita a forma fluida de Ailton Krenak para com a sistematização das ideias assim como a forma poética dos títulos de seus livros. Ele questiona em *Ideias para adiar o fim do mundo* (Krenak, 2020), a concepção de humanidade que construímos há mais ou menos 3 mil anos. E pergunta se essa concepção não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos para justificar o uso da violência. O autor está se referindo ao período colonial em que os europeus dominaram o mar auto imbuídos de uma superioridade esclarecida que deveria levar aos obscurecidos, aqueles que não conheciam a Deus, portanto, desprovidos de humanidade, a qual a “civilização” europeia tinham e com isso possuía o dever de levar aos confins da terra (Krenak, 2020). Cabe elucidar que, isto foi pretexto, apoiado pela Igreja Católica, para escravizar tanto africanos quanto indígenas, posto que não possuíam almas, segundo essa sociedade dita civilizada e religiosa. Segundo o autor: “A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade” (Krenak, 2020, p. 28). Para Ailton Krenak, aquelas pessoas que foram chamadas outrora de não-humanas, eram mais do que isso, não eram indivíduos, certamente, eram, pois, “[...] “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo” (Krenak, 2020, p. 28). Uma pergunta bastante reflexiva feita por Ailton Krenak, mas que deve fazer parte de nosso eu interior, é: “Somos mesmo uma humanidade?” (Krenak, 2020, p. 12).

A remissão a Krenak se volta para refutar aquela ideia do que postula método científico, de que o que não pode ser replicado, não é ciência, pois só o que o método

científico valida como sendo passível de replicação, pode ser considerado ciência. Isso aparece nesta escrita apenas como justificativa de que há uma corrente de pensamento que assim concebe o mundo. Todavia, o que se põe em tela é justamente o oposto disso, ou seja, a aposta é na concepção de metodologias outras que ultrapassam essa lógica cartesiana e positivista de ciência dura, propondo uma narrativa do meu eu que não é apenas individual, mas coletiva.

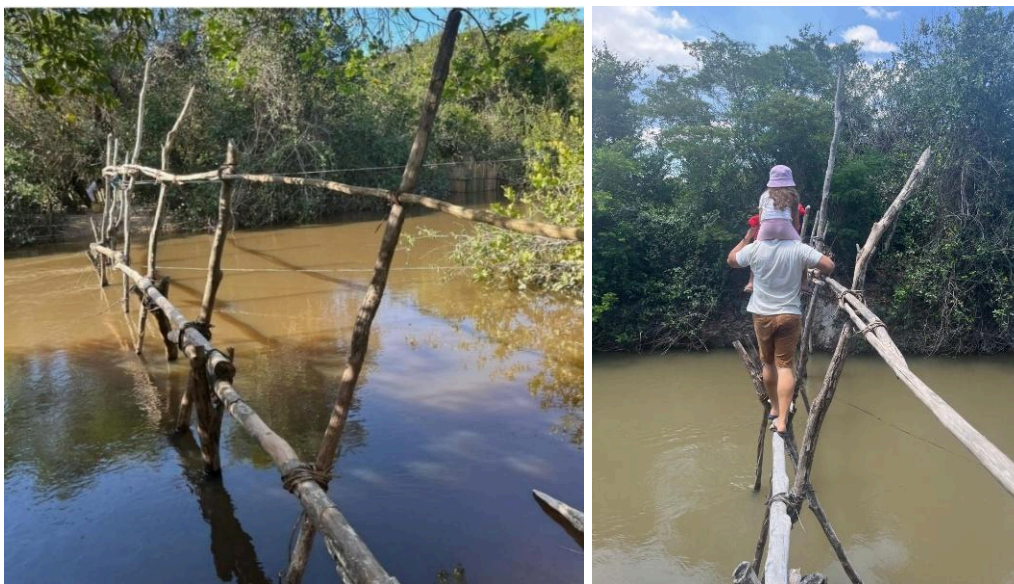
Uma ideia de que me alimento neste meu texto é a de que não sou eu apenas que estou sendo representado textual e imagetivamente, mas uma memória que remonta ao passado, não apenas meu, e sim de todos que partilharam comigo aqueles momentos passados.

Para falar da primeira fotografia, sirvo-me novamente da escrita poética de Ailton Krenak quando fala dos rios.

Os rios, seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui. Gosto de pensar que todos aqueles que somos capazes de invocar como devir são nossos companheiros de jornada, mesmo que imemoráveis, já que a passagem do tempo acaba se tornando um ruído em nossa observação sensível do planeta. Mas estamos na Pacha Mama, que não tem fronteiras, então não importa se estamos acima ou abaixo do rio Grande; estamos em todos os lugares, pois em tudo estão os nossos ancestrais, os rios-montanhas, e compartilho com vocês a riqueza incontida que é viver esses presentes (Krenak, 2022, p. 11-12).

É, assim como Krenak descreve, que penso o Rio Preto, nome dado pela cor características de suas águas. Rio este do qual sou parte, pois tantas e incontáveis foram as vezes que me servir de suas águas tanto para beber quanto para tomar banho, sobre o qual nadei. Rio que, sobre ele foram e são construídas, pontes de pau a pique (madeira rústica) para passagem quando não se quer molhar-se em suas águas. Metodologicamente, preferi comentar a fotografia, para em seguida, apresentá-la imagetivamente.

Fotografia 1: Ponte de pau a pique sobre o Rio Preto



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

A fotografia 2 traz um outro ângulo do Rio Preto, com uma estética mais sóbria e por que não, sombria (duplo sentido), com suas calmas águas negras sob um olhar obstinado.

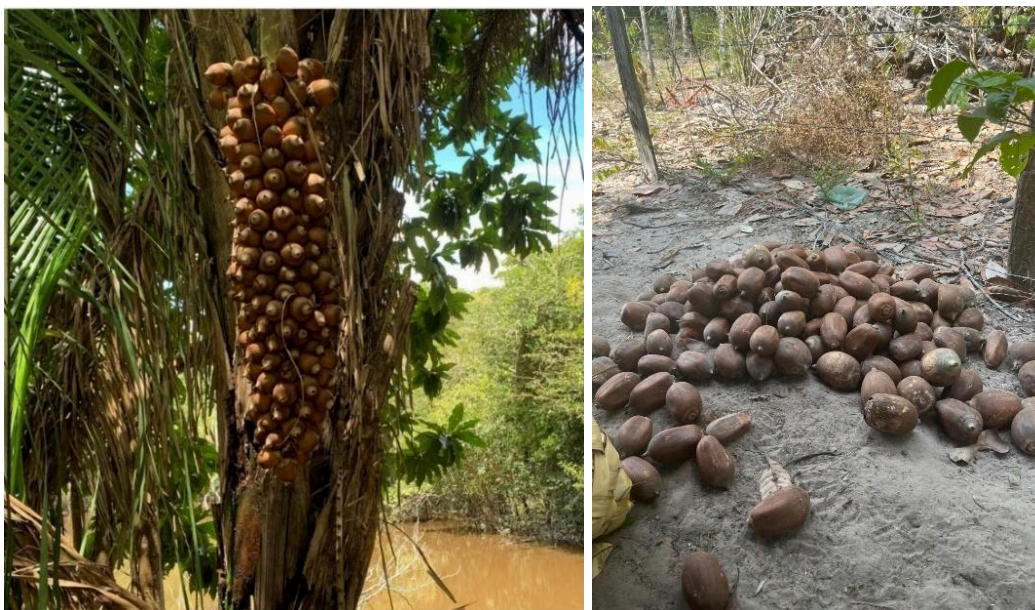
Fotografia 2: Margem do Rio Preto



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

Apresento, na fotografia 3, em segundo plano o Rio Preto e em primeiro, uma palmeira de babaçu às suas margens. Não é comum que esta palmeira venha a nascer em margens de rios de água doce, e com isso não estou dizendo que seja em águas salgadas, apenas ilustrando que naquela região, as palmeiras de babaçu são mais presentes em matas não ciliares. Porro (2019, p. 1710), ao falar da economia do babaçu como forma de subsistência, destaca que: “A população rural do Maranhão constitui-se predominantemente por produtores que praticam a agricultura tradicional e a extração de produtos da palmeira de babaçu, espécie que aparece em baixas densidades nas florestas primárias, [...]”. Para conhecer mais sobre essa prática de subsistência atrelada à economia (que também é de subsistência), relacionando com a memória de quebradeiras de coco babaçu, marcada pela luta e re(existências), recomenda-se a leitura de Santos (2024ab).

Fotografia 3: Palmeira de babaçu às margens do Rio Preto



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

No que consiste à fotografia de número 4, representada, na figura do homem com um saco com alimentos sobre o ombro, um momento de trabalho com alimentos (não dar para precisar qual seja, mas as culturas que são cultivadas neste local são: arroz, mandioca – farinha e goma, milho e feijão). É improvável, remetendo à memória, que sejam estes

dois últimos. Outra característica imagética presente na fotografia, é a casa de adobe (construída com tijolos de adobe) e coberta de fibra de babaçu (folhas da palmeira, que chamamos de palha de coco). Santos e Bessa (2020) destacam que o adobe é uma das mais tradicionais técnicas de construção com a terra, remontando a pelo menos 10 mil anos (no período Neolítico). “Existem construções com adobe em todos os continentes do planeta, em climas quentes ou frios, subtropicais ou temperados, em todas as latitudes e quase todas as culturas e civilizações pré-industriais se utilizaram dele para edificar” (Santos; Bessa, 2020, p. 54).

Fotografia 4: Casa de adobe coberto com fibra (palha) de palmeira babaçu



Fonte: Acervo particular do autor, [200?]

A fotografia 5 apresenta o mesmo tipo de construção de casa (de adobe) que a acima (fotografia 4), porém, essa já se apresenta coberta com telhas de cerâmica. Enquanto o

exemplo anterior traz uma casa mais modesta, esta já se apresenta esteticamente mais sofisticada, demonstrando, ainda que no mesmo espaço geográfico, um *quê* de poder aquisitivo (um nível social mais elevado), refinamento. Embora esteja oculta em ambas as fotografias, está implícito que a mobília é rústica na primeira e mais refinada na segunda. Sobre a construção com adobe, Girdelli *et al.* (2021) empreendem estudo reproduzindo a técnica de construção desse tijolo com e sem a fibra de coco. Segundo os autores:

A técnica construtiva do adobe é um método de alvenaria em que se utilizam blocos em terra crua que possui como principal matéria prima o solo. De maneira geral, esta técnica proporcionou grandes feitos na história da humanidade e reproduz com legitimidade um método construtivo simples, de fácil acesso e sustentável.

A terra foi o primeiro material utilizado e moldado pelo homem para construir sua moradia. Seu uso como matéria prima remonta há mais de 8.000 a.C., [...].

[...], a utilização da técnica do adobe, técnica construtiva em se utiliza blocos de barro secos ao sol podendo ter a adição de fibras animais e vegetais, era usual no antigo Egito e Mesopotâmia.

[...] a utilização de terra crua nas construções brasileiras apenas teve início a partir da colonização portuguesa.

A utilização da terra crua como método construtivo caiu em desuso após a segunda grande guerra mundial, onde o aumento de construções industriais levou ao abandono das técnicas construtivas tradicionais com terra. [...]. Entretanto houve-se um resgate das técnicas a base de terra crua devido ao seu caráter sustentável uma vez que os blocos não demandam de queima e pode-se ser confeccionado com baixo custo (Girdelli *et al.*, 2021, p. 10).

Um detalhe em relação à estética que está ausente nas fotografias 4 a 8 é o reboco das paredes. Partindo da ótica de Mignolo (2020) sobre o exame dos espaços liminares, a forma como a morada é construída (de adobe), como é coberta (palha e telha cerâmica) e, o reboco assim como a pintura das paredes (estes dois últimos, aqui ausentes), demonstram, naquela região, além de poder aquisitivo, um refinamento do seu dono. Há um elo ou divisor de águas no que trazem Girdelli *et al.* (2021), quando elucidam que o uso de terra crua na construção das moradas brasileiras só tem início com a colonização portuguesa. Com isso, remetemos à ideia de que os povos indígenas construíam suas casas com madeira e fibras vegetais.

Fotografia 5: Casa de adobe coberto com telha cerâmica



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023

Ainda que a parede não esteja rebocada, nesta fotografia 6, esse objeto de madeira que figura como suporte para o pote, o filtro e os copos de alumínio (a bileira), traz implícita e talvez até explícita, uma posição social mais elevada, de higiene, pois os objetos de guarda de água eram geralmente, as cabaças e para se beber a água, usava-se as cuias de cujuba.

Fotografia 6: “Bileira” com pote e filtro de barro (cerâmica)



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

A lamparina era, à época, a principal forma de iluminação das noites em minha infância. Embora em algumas fases da lua, as noites se iluminassem com luz natural, no cotidiano, era a lamparina o objeto comum para exercer a função de clarear os espaços. A luz carrega um espectro bastante amplo de significados, mas aqui o que se quer trazer é apenas a sua função prática – iluminar um pequeno espaço ao redor da lamparina.

Fotografia 7: Lamparina



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023

A fotografia abaixo, em que as galinhas estão se alimentando, representa duplamente seu sentido. Enquanto se alimentam, o fazem para servirem de alimento. Não que elas saibam disso, mas seus donos assim procedem com esse intuito. A prática é a de subsistência, ou seja, cria-se pequenos animais para a alimentação do dia a dia como, além de galinhas, suínos, ovinos, caprinos, bovinos e, também a caça de animais do mato e pesca.

Fotografia 8: Quintal (terreiro) com galinhas se alimentando (comendo)



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

A fotografia 9 apresenta duas formas de aproveitamento das galinhas citadas na fotografia 8, da alimentação com a carne delas – cozida e, com suas vísceras, prepara-se a “discaída”, que consiste em limpar as tripas, juntar com o fígado, os ovos ainda embrionários (de variados tamanhos) e cortar em pequenos pedaços.

Fotografia 9: Galinha cozida, arroz e discaída



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

O feijão, apesar de representar um item essencial na alimentação, sobretudo nordestina, não assume posição com o arroz e a mandioca. Isso remete à fotografia 4, quando se afirmou que o saco que o homem tinha em seus ombros, certamente não era feijão. O que se quer dizer com isso? Arroz, farinha e goma (tapioca), são produzidos em grandes quantidades e ensacados em paneiros (de fibra da palmeira de babaçu) ou sacos de plástico. No momento em que estas linhas estavam sendo escritas, me vem uma reflexão: como esse item que está presente na quase totalidade dos pratos do dia a dia dos nordestinos, não é armazenado nessas proporções? Eis uma questão a ser investigada mais de perto.

Fotografia 10: Feijão em baja sendo “dibuiado”



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

A farofa de peixe frito pode ser comida a qualquer hora do dia: pela manhã, com café; por volta das 4 horas da tarde, com café; ou a noite, com café; não há comparação em termos de iguaria que supere essa farofa. Ao ver tal imagem, me remeto ao tempo memorial da infância assim como quando se sente o cheiro do leite materno. A boca saliva instintivamente.

Fotografia 11: Farofa de peixe frito



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

O forno de assar bolo. Esse era e é seu nome. No entanto, assa também carne: seja de galinha, seja de porco. E a carne bovina, caprina e ovina, não se assa também nesse forno de assar bolo? Até pode, mas não prática nessa região (leste maranhense) da qual falamos aqui. Esse forno, apesar de ser um objeto perene, tem seu ápice de uso, na Páscoa, quando os bolos para a Semana Santa são preparados. Mas ele me traz uma memória que destoa dessa funcionalidade. Ao olhar para esse forno, lembro que num final de infância para início de adolescência (já cidade), nele eram feitos bolos para que eu e meus irmãos vendêssemos na rua.

Fotografia 12: Forno de barro cru – assando galinha e porco



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

Pelo conjunto representado nas fotografias de 8 a 12 (por tratar sobre alimentação), deu-se preferência por referenciar teoricamente, ao final, deixando as impressões sobre cada uma das fotografias, de forma individual e relacionar as teorias em conjunto. Lima (2021) propõe um estado da arte sobre alimentação no periódico *Oikos*. Considerando que o debate aqui empreendido se refere à antropologia da alimentação, o autor nos ajuda a elucidar o conceito quando cita que “O uso do termo comida como cultura e simbolismo tem sido trabalhado principalmente pelas áreas da antropologia da alimentação e da comida e também pela área da história da alimentação” (Lima, 2021, p. 4). Outro destaque que fazemos desse texto é que:

O tema da alimentação compreende muitos direcionamentos de pesquisa na academia que vão desde aqueles relacionados ao campo da fisiologia, nutrição e saúde, como também aqueles que, igualmente transitam no âmbito do da saúde, mas que se conectam ao comportamento alimentar, envolvendo por exemplo, distúrbios alimentares que dialoga também com a área da psicologia (Lima, 2021, p. 4).

Muniz e Dias (2021) apresentam um ensaio fotográfico sobre a farinha de mandioca que, embora representada explicitamente, apenas na fotografia 11, está implícita nas 5 fotografias desse conjunto, pois no Norte e Nordeste brasileiro, a farinha é um dos componentes essenciais da e na alimentação. Os autores destacam que a mandioca é uma cultura tradicional amazônica, ligada a saberes socioculturais e históricos.

Caracterizada pelo pensamento social brasileiro como a de mais forte herança indígena, a alimentação amazônica é composta por complexas teias de inter-relações socioculturais e históricas, marcada pelas trocas de saberes e técnicas tradicionais herdadas dos povos nativos da região, perpetuadas e modificadas por meio da oralidade durante séculos (Castro 1948). Nesse universo amazônico, a centralidade das refeições quase sempre recai sobre a mandioca. [...], em todo processo de produção e consumo da farinha de mandioca há presença significativa dos conhecimentos tradicionais adquiridos por meio de sofisticada observação dos fenômenos da natureza (Muniz; Dias, 2021, p. 448).

Os autores apoiam-se em Viveiros de Castro (1996) e Pacheco (2017) para discorrerem sobre o debate das Ciências Sociais consistente à alimentação humana, esta que:

[...] ultrapassa suas funções físicas e biológicas e insere-se nos campos mitológicos, religiosos e sagrados, representando uma série de interpretações e cosmovisões de determinados grupos sociais. Na Amazônia não é diferente, os atos de comer e de preparar os alimentos com seus signos e símbolos manifestam ideias, padrões e crenças dos povos que habitam a floresta (Muniz; Dias, 2021, p. 448).

Assim, remeto-me em memórias e recordações dos tempos de criança em vivências rurais e com todos os encantos de uma infância inocente e guardada, nostalgicamente, com o primor de um tempo que não volta mais, que não existe, salvo pelas memórias.

Breve divagação narrativa

As memórias de infância se entrelaçam como os fios de uma tapeçaria, cada um contando uma história única. Eu me recordo das manhãs em que corria para as margens do rio, com os pés descalços sentindo a terra fria. Ouvi o barulho das águas era um convite irresistível para um mergulho, mesmo para uma criança que, como gatos, não gostam de água, mas em um grupo de crianças, a ideia de água fria era o que menos importava. Naquelas águas negras, mergulhava não só o corpo, mas também a alma em um mundo de pura liberdade.

Os dias eram preenchidos pela roça, mas que enquanto criança, não se compreendia toda aquela labuta para além da subsistência, mesmo sem compreender tal conceito. Na roça, eu pequeno e lento, ajudava minha família a plantar as sementes e cuidar dos serviços mais leves. Não havia mecanização das práticas de agricultura. Sendo assim, as ferramentas eram simples: enxadas, chachos (ou xaxo), feitos de metal com cabos de madeira, que serviam tanto para capinar quanto para furar o chão (cavar buracos).

Geralmente, pescávamos ou às 3 ou 4 horas da madrugada ou no início da noite. Eu nunca gostei de ir à madrugada, mas meu pai me levava, mesmo chorando, pois quando chegava no rio, me calava, e ele dizia que eu dava sorte.

As caçadas no mato, cheias de espírito aventureiro, foram marcos das minhas descobertas. Sempre caçava com meu irmão mais novo. Fazíamos armadilhas (arapuca), pois nunca fui muito bom de atirar com estilingue, que é feito de galhos e uma tira de pano (que chamávamos de baladeira).

Fotografia 13: Arapucu (rapuca², armadilha para capturar passarinho)



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2023.

² A palavra é pronunciada com um “r” que soa como se estivesse no meio da palavra, com a língua cerrada.

As casas de adobe, com suas paredes grossas que protegiam do calor, eram um refúgio seguro. Lembro do toque áspero da argila fresca, a sensação de estar construindo meu próprio mundo. As telhas cerâmicas, nuvens de barro moldadas sob o sol, completavam aqueles lares que exalavam o aroma do cotidiano. Cobertas de fibras de palmeira ofereciam um abrigo natural, criando um espaço onde as crianças podiam brincar e sonhar, enquanto os adultos se reuniam para contar histórias ao redor da fogueira. Ah, esse momento era mágico, pois os mais velhos, aqueles que já não tinham mais que trabalhar na roça (os anciãos), pois estavam descansados, se debruçavam a nos contar as mais belas e encantadoras histórias, o que nos levava para muito além da imaginação.

Contrastando com a agitação da cidade, onde o tempo parece escorregar entre os dedos, cada vivência do campo me ensinou a importância da conexão com o simples, com as raízes. Enquanto as crianças da cidade se perdem entre as luzes artificiais e os sons ensurdecedores, nós, da roça, respirávamos o cheiro da terra molhada e ouvimos o sussurro do vento nas folhas. Sempre fui um entusiasta da natureza, meu lugar é entre as árvores.

Diante dessa dualidade, percebo que uma infância rural não é apenas um conjunto de lembranças; é a formação de um caráter, uma maneira de ver o mundo. Ali, a vida é ensinada nas lições cotidianas e nas brincadeiras ao ar livre, onde cada objeto tem seu valor, cada construção sua história. Assim, ao refletir sobre essas experiências, percebo que a linha entre os humanos e a natureza é muito mais tênue do que parece. E em cada memória, há um pedaço de eternidade, uma ode à simplicidade que nos mantém ancorados às nossas origens.

Considerações finais

Concluindo, as memórias da infância rural se configuram como um mosaico vibrante de vivências que vão muito além do mero recordar de eventos passados. Cada mergulho no rio, cada jornada à roça, cada momento de pesca ou caça não apenas moldou um garoto, mas lhe ensinou lições fundamentais sobre o respeito à natureza, a importância da comunidade e o valor da simplicidade.

Em contraste com a frenética vida urbana, onde os sons e as imagens podem dissipar os laços profundos com o cotidiano, a infância no campo se destaca como um

tempo de conexão genuína – com os outros e com o mundo ao redor. Essas experiências, entrelaçadas com a cultura do lugar, proporcionam uma riqueza que permeia não apenas a memória individual, mas também a coletiva. Assim, ao olharmos para o passado, com um olhar que se recusa a se apagar, percebemos que a verdadeira essência da infância reside na capacidade de sonhar, de aprender e de encontrar beleza nas pequenas coisas que compõem a tapeçaria da vida.

Ainda que eu não tenha registro fotográfico de mim dos momentos da infância, carrego comigo, na mais íntima e profunda memória, aqueles momentos em que saía logo cedo para pescar, levando farinha, sal, pimenta e fósforo para comer assado, junto com meus primos, o peixe que pescássemos. Lembre-me também da prática extrativista: tirar arruda, juntar fava danta, pequi, bacuri, castanha, buriti, assim como fazer carvão e juntar estume bovino e caprino – para vender e comprar roupas e brinquedos no festejo. E sorvete!

Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 3. ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. - 1. ed. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIRALDELLI, Mariana Aparecida; PEREIRA, Osvaldo Alves; SANTOS, Samuel Felipe dos; BRASIL, Mirela Aguiar; PINHEIRO, Stefani Karoline Teodoro. Técnica de alvenaria adobe: Reprodução do método construtivo com e sem o uso de fibra vegetal. *Uniciências*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 10–13, 2021. DOI: 10.17921/1415-5141.2021v25n1p10-13. Disponível em: <https://uniciencias.pgsscogna.com.br/uniciencias/article/view/8932>. Acesso em: 15 fev. 2025.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. – 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. – 2. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Romilda de Souza. O estado da arte sobre alimentação na revista Oikos: artigos publicados entre 1981 a 2021. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, v. 32, n. 3, p. 1-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.31423/oikos.v32i3.13080>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MIGNOLO, Walter. *Histórias Globais/projetos Locais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNIZ, Érico Silva Alves; DIAS, Edson Gabriel. Farinha, tradição alimentar dos povos da floresta. *Amazônia. Revista de Antropologia*, v. 13, n. 1, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v13i1.9611>. Acesso em: 16 fev. 2025.

PORRO, Roberto. A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 14, n. 1, p. 169-188, jan.-abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/pTzRmXNGf5FVvSH8WZjwyc5S/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 14 fev. 2025.

SANTOS, C. de J. P. dos; SILVA, F. das C. dos P.; MARTINS, A. C.; SILVA, C. I. A. da; COSTA, P. R. da; MENEZES, L. L. G. de; BAIA, L. M. dos S.; MOTA, S. C. F. Cosmoperceber afrosaberes de quebradeiras de coco babaçu: entre memórias, lutas e (re)existências. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, [S. l.], v. 16, n. 13, p. e6773, 2024a. DOI: 10.55905/cuadv16n13-030. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/6773>. Acesso em: 14 fev. 2025.

SANTOS, C. de J. P. dos; SOUZA, L. R. G.; COSTA, R. C.; PAIXÃO, S. C. S.; RODRIGUES, K. B. de M.; PROTÁZIO, J. G.; MOTA, R. de M.; FARIAS, S. R. A.; BAIA, J. G. dos S. Mulheres de luta: narrativas das quebradeiras de coco babaçu de Pedrinhas - MA em intersecções com o clube de mães. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, [S. l.], v. 16, n. 13, p. e6772, 2024b. DOI: 10.55905/cuadv16n13-029. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/6772>. Acesso em: 14 fev. 2025.

SANTOS, Daniel Pinheiro; BESSA, Sofia Araújo Lima. O uso do adobe no brasil: uma revisão de literatura. *Mix Sustentável*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 53–66, 2020. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/3741>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. – Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2022.

VERGÈS, Françoise. *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. – São Paulo: Ubu Editora, 2023.

VIEIRA, Suzane de Alencar. Fotografia como testemunho. *Proa: Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 48–66, 2009. DOI: 10.20396/proa.v1i1.16411. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/16411>. Acesso em: 16 fev. 2025.